
Estratégias de compreensão em “Banzeiro Òkòtò”: o uso da palavra pobre¹

Elisabetta Mazocoli de Paula Costa²

Christina Ferraz Musse³

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), MG

RESUMO

O livro “Banzeiro Òkòtò” reúne textos da jornalista Eliane Brum a respeito da vida na cidade de Altamira, na Amazônia. A narração da autora ajuda a compreender o contexto político e social de um dos lugares mais emblemáticos no que diz respeito às disputas territoriais e culturais entre os povos indígenas e os responsáveis pelas atividades predatórias. Buscando servir como mediadora entre o que chama de “povos-florestas” e “brancos”, a autora desenvolve uma série de estratégias discursivas para criar pontes entre as duas realidades. O uso da palavra “pobre” é o foco neste artigo, e se revela simbólica neste sentido, já quem encarna concretamente uma afetação mútua entre os dois mundos.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; jornalismo literário; estratégias discursivas; Amazônia.

CORPO DO TEXTO

Introdução

O livro “Banzeiro Òkòtò”, de Eliane Brum, lançado em 2021, apresenta investigações jornalísticas junto com relatos pessoais a respeito da vida em Altamira, na Amazônia, para onde a repórter se mudou e passou a viver desde 2017. Nascida em Porto Alegre, numa perspectiva mais tradicional, a repórter poderia ser identificada simplesmente como alguém “branco” – e, portanto, bastante distante dos chamados “povos-floresta”, conforme são nomeados os povos indígenas do Amazonas ao longo de toda a obra. O

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bolsista da Capes no Mestrado em Comunicação na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), participante do grupo Comunicação, Cidade e Memória (COMCIME), e-mail: bettamazocoli@gmail.com

³ Professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), líder do grupo Comunicação, Cidade e Memória (COMCIME), e-mail: cferrazmusse@gmail.com

próprio livro, no entanto, busca propor uma outra definição de "branco", que na concepção de Brum essa palavra já não se reduz estritamente a questões de cor, fenótipo ou origem, mas a um modo de inserção e atuação no mundo natural e social. E, nessa concepção, branco seria definido como “aquele que vive da exploração”, conceito claramente inspirado na forma como Davi Kopenawa nomeia os brancos, chamados por ele de “povo da mercadoria” ou de “comedores de floresta” (p.17). Na posição em que a jornalista se encontra, no entanto, inclusive já tendo incorporado tanto dos povos-floresta pelo próprio fascínio que passa a sentir, ela se dedica a criar, em seu livro, uma nova forma de narrar a Amazônia e os ataques à floresta de modo que, partindo de um reconhecimento do seu lugar a princípio problemático e de certa forma “deslocado”, assim como da possível “falta de propriedade” de sua fala, ela possa se comunicar ainda melhor com seu leitor – que, por sua vez, ocupa nessa dinâmica um terceiro lugar, tentando absorver algo dos dois mundos que passam a se tensionar e a se mesclar inclusive no próprio tecido do texto de Brum.

A autora então mistura algo de um relato pessoal a crônicas sobre sua vida na Amazônia e a uma intensa pesquisa jornalística para trazer aos seus leitores um panorama histórico e atual sobre os conflitos políticos, sociais e históricos envolvendo o local. Nesse sentido, é justamente a sua falta de “pertencimento natural” que mais parece capaz de gerar identificação com seu leitor, abrindo assim uma oportunidade dele se aproximar também das formas narrativas dos povos-floresta. O presente artigo leva em conta esse esforço maior, realizado ao longo do livro, mas se dedica a analisar mais detidamente os capítulos 13 (“entres da floresta”) e 12 (“a conversão de povos-floresta em pobres”) em que é possível observar um uso muito específico que a própria autora faz da palavra “pobre”, como essa palavra impacta na prática a vida dos povos-florestas e as alterações de sentido que essa palavra passou a sofrer a partir do próprio contato dos povos indígenas com o mundo dos brancos.

Metodologia

Para entender as estratégias narrativas utilizadas pela autora, é usado como referência os estudos de livro-reportagem no Brasil, realizados por Edvaldo Pereira Lima, que

estabelece uma distinção conceitual importante que pode iluminar bastante um dos traços que me parecem caracterizar o trabalho de Brum: "Compreender é diferente de explicar. A explicação adota geralmente uma visão unilateral, verticalizada, de cima para baixo, reducionista. Mostra o mundo sob uma ótica única ou de pouca abertura". Já uma tentativa de compreensão, muito diferentemente, deve buscar "exibir o mundo sob perspectivas diversificadas. Mais do que isso, ela ilumina as conexões entre conteúdos aparentemente desconectados. Interliga dados, mostra sentidos e perspectivas" (2009, p. 366).

Ao mesmo tempo, em sua visão, caberia ao comunicador social especializado na produção jornalística trabalhar com o imaginário coletivo, emoções, mitos e registros intuitivo-criativos (Medina, 1998). Em sua perspectiva, portanto, o ato de narrar é reconhecido como uma ação que busca reproduzir simbolicamente a realidade, e o jornalista-autor de uma narrativa desse tipo é considerado, um *mediador simbólico*. No entanto, só o jornalista que se aperfeiçoa para poder criar terá alguma possibilidade de intervir de forma mais qualificada e consciente no chamado "processo de mediação social". Por isso mesmo, desde os anos 1980, a autora já afirmava a necessidade de os jornalistas superarem os obstáculos da profissão e investirem em apurações e narrações mais dialógicas e complexas. Só assim se tornariam capazes de modificar efetivamente o *status quo* e praticar um discurso *polifônico* (no sentido de ser capaz de promover uma diversidade de vozes) e *polissêmico* (no sentido de ser capaz de abrigar e gerar uma multiplicidade de significados).

Paul Ricoeur estabelece claramente que a compreensão de si exige a compreensão dos signos da cultura, e ainda acrescenta: isso não significa que o que se documenta e se forma seja apenas sujeito a esses dois fatores. Em suas palavras:

A compreensão do texto não é seu próprio fim, ela mediatiza a relação consigo de um sujeito que não encontra, no curto-circuito da reflexão imediata, o sentido da própria vida. É por isso que é preciso dizer, com uma força igual, que a reflexão não é nada sem a mediação dos signos e das obras, e que a explicação não é nada se não se incorporar como uma intermediária no processo de compreensão de si: numa palavra, na reflexão hermenêutica – ou na hermenêutica reflexiva – a constituição do si e a do sentido são contemporâneas. (RICOEUR: 1991, p.155/156).

Coerente com essas linhas de reflexão, a escolha da palavra, referida por Brum na obra aqui abordada como a “carne de sua reportagem” (2013, p.13), afirma expressamente o seu interesse em escrever “sobre o cotidiano dos homens e das mulheres que tecem os dias e também o país, mas nem sempre são contados”. Da mesma forma, declara sua decisão em buscar se apropriar de fatos não-marcados pela noticiabilidade, entendidos aqui como sendo aqueles que não resultam do “código de produção dos acontecimentos” isto é, que não são “relevantes para o cânone da cultura jornalística, normalmente desconsiderados pela marcação (pauta) da grande mídia” (Sodré, 2009, p.76). Concretamente, isso significa, por exemplo, lançar mão de técnicas que valorizem o diálogo, a escuta e a abertura para a apreensão do Outro. Em "Banheiro Òkòtó", é possível perceber bem que essas aparentes “minúcias” são mostradas como algo digno de um olhar atento ao longo de todo o texto. A autora, afinal, narra acontecimentos aparentemente banais, como compras no mercado, diálogos com outros gaúchos e a procura por um lugar para morar em Altamira – fatos que podem ser considerados desimportantes, mas que tomam uma dimensão e um sentido revelador bem maiores quando são compreendidos no contexto mais amplo da realidade e da própria escrita.

Refletindo mais especificamente sobre a maneira como essa alteração de postura pode impactar a prática jornalística, Medina faz uma problematização do próprio saber científico clássico de caráter positivista, que é também responsável pelo princípio de certa “objetividade jornalística” bastante enganosa, e assim coloca em destaque um jornalismo que seja capaz de valorizar a complexidade e a interconexão de conhecimentos diversos. Essa nova forma de olhar o fenômeno jornalístico advém da percepção de que a contemporaneidade reclama por algo que a autora chama de “dialogia interativa”. É por isso que, para ela, o jornalismo não pode perder importância nos dias de hoje, mesmo com o aparecimento e fortalecimento de novos canais de expressão. Pelo contrário, tenderia a ganhar ainda mais peso, em virtude da crescente demanda social por um tipo mais qualificado de mediador que possa dar conta da regência de vozes numa sociedade cada vez mais complexa. Afinal, "Respeitar e lidar com essa heterogeneidade é um desafio enfrentado pragmaticamente todos os dias pelas

peças nas suas diferentes interações sociais e um instigante problema para os pesquisadores"(p.18).

Seguindo essa pista, é possível lembrar que, em seu sentido original, no latim, *comprehendere* significa “abranger, abraçar ou pegar junto” (Künsch, 2008, p. 46). Uma “epistemologia compreensiva”, então, como chama Pedro Brito (2015), pode ser entendida como um esforço de aproximar diferentes formas de conhecimento do mundo, sem relações de hierarquia, pensando “cada uma a seu modo, com sua verdade própria e com os seus limites e suas mazelas, no mundo físico e humano, incluindo o mundo dos fatos e situações do presente” (Künsch, 2008; Klatau, 2019, p. 4) – considerando-se que essa última, aliás, é o território por excelência do jornalismo.

Nessa mesma concepção, a textualidade, entendida então como “o processo de emergência de algo tomado como texto”, estaria absolutamente integrada às condições comunicativas, e ainda inscritas no “resultado final”. Nesse sentido, seria possível perceber que um texto é necessariamente o fragmento perceptível de um processo comunicacional bem mais amplo, sem o qual não é possível sua existência. Perceber com mais nitidez essa interdependência fundamental evitaria a cilada de se cair em formulações que ainda consideram as relações entre linguagem e vida social em termos de oposição, valorizando somente mais um ou outro polo. Assim, não se trataria de reconhecer, por exemplo, que a linguagem é apenas um “instrumento” da comunicação (sendo, portanto, determinada por esta), ou, na direção contrária, que a linguagem é “condição” para os processos de comunicação (nesse sentido, determinando-os).

Análise

Importante notar, a esse respeito, que Brum não busca se apresentar como um indígena, e nem mesmo como alguém “neutro” ou “superior”, na posição de “dar voz” a esses povos. Bem diferentemente, ela assume que eles já têm suas próprias vozes, palavras e linguagens – e que caberia a ela, como jornalista, tentar compreender esse outro universo e se aproximar dele. A partir dessa experiência, ela busca trazer à tona correspondências e diferenças.

A percepção de que a própria linguagem dos brancos de fato impacta a vida dos indígenas, nesse sentido, chama a atenção. No capítulo em que aborda a transformação desses povos em "pobres" (p.108-116), ela se dedica a perguntar para os entrevistados o que significaria "pobreza" para eles. E, nesse sentido, ousa se aproximar de uma perspectiva bem diversa daquela com a qual em geral é adotada nessas situações – e assume o risco de ser impactada por essa experiência. Essa tentativa de identificação de uma linguagem em comum não equivale a uma busca por correspondentes de tradução supostamente exatos, mas a um esforço de compreender os motivos que fazem com que existam as diferenças.

REFERÊNCIAS

- BRITO, Pedro Debs. **Epistemologia da compreensão** - as contribuições de Paul Feyerabend para os estudos da compreensão como método. *Communicare* (São Paulo). v. 15, p. 70, 2015.
- BRUM, Eliane. **Banzeiro Òkôtô**: uma viagem à Amazônia Centro do Mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- KLATAU, Carolina. **Jornalismo, incerteza e complementaridade dos opostos**: um diálogo compreensivo. Dissertação de Mestrado. São Paulo. Faculdade Cásper Líbero, 2018.
- KUNSCH, Dimas A. Teoria compreensiva da comunicação. In: KUNSCH, Dimas A.; BARROS, Laan Mendes de (Orgs.). **Comunicação: saber, arte ou ciência?** Questões de teoria e epistemologia. São Paulo: Plêiade, 2008.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri, SP: Manole, 2004.
- MEDINA, Cremilda. **Desafios das narrativas na contemporaneidade**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2012.
- RICOEUR, P. **O si-mesmo como um outro**. Tradução de Lucy Moreira Cesar. Campinas: Papirus, 1991.
- VARGAS, Raul H. **A reportagem literária no limiar do século 21**: o ato de reportar, os jovens narradores e o projeto São Paulo de Perfil. São Paulo: Universidade de São Paulo/ ECA, Dissertação de Mestrado, 1998.